

FILIPA FONSECA SILVA

E SE
EU
MORRER
AMANHÃ?



*Para a minha mãe, a minha filha,
a minha irmã, as minhas avós
e todas as mulheres da minha vida.*

Primeira Parte

1

Quando o telemóvel tocou, às três e vinte da madrugada, Luísa soube por instinto que se tratava de uma má notícia. Sentou-se na cama, sobressaltada, e tacteou a mesa-de-cabeceira à procura dos óculos, para conseguir ler o nome que gritava no visor.

— Marília? O que se passa? — perguntou, assustada.

— Houve um incêndio em casa da tua mãe — respondeu a cunhada, que ia no carro, pelo menos a julgar pelo barulho de fundo.

— Um incêndio?! Oh, meu Deus! Ela está bem?

— Sim, ligou-me quando ia a caminho do hospital, mas estava com uma voz serena.

— Hospital?

— Devido à idade, querem garantir que os pulmões estão bem — tranquilizou Marília. — Estou a ir para lá agora.

— Também vou!

— Não, espera! Tu tens de ir até ao apartamento para verificares os estragos e veres se consegues trazer a carteira dela, roupa e essas coisas.

— E o Rui?

— Não está cá esta semana.

— Oh, bolas... — deixou escapar Luísa, desiludida. — Bom, então... até já.

Enquanto se vestia com a roupa do dia anterior, resgatada do chão da casa de banho, e fazia uma lista mental das coisas de que a mãe precisaria, Ricardo acordou, estremunhado, e ficou à espera de que a mulher lhe indicasse se era preciso mexer-se ou não. Dos lábios dela, ouviu incêndio... hospital... a mãezinha está bem... tenho

de ir a casa dela... deixa-te estar, pelo que apenas garantiu que estaria atento ao telefone e voltou-se para o outro lado. Luísa correu até à porta, arrancando a mala do cabide, vestiu o primeiro casaco que agarrou e percebeu que as chaves do carro não estavam no móvel da entrada, como era suposto. Suspirou, irritada, e entrou no quarto da filha sem acender a luz, vasculhando os bolsos das calças dela, onde suspeitava que ela as teria deixado, esquecidas, como era seu hábito. Fingiu não reparar no cachimbo de água que estava sobre a mesa-de-cabeceira. Queria acreditar que era apenas decorativo, mas... e se não fosse? Estaria a filha a consumir algum tipo de droga? Deveria falar com ela sobre o assunto? Afastou tais pensamentos com firmeza, até porque tinha preocupações mais urgentes com as quais lidar. Afinal, a filha já era uma mulher de 22 anos. Uma estudante dedicada, a caminho do terceiro curso superior (embora não tivesse terminado nenhum dos outros), e que nunca se tinha metido em problemas. Vivia da mesada que os pais lhe davam e de um part-time a passear cães na vizinhança, é certo, e não tinha planos para sair de casa nos próximos dez anos, como milhões de outros jovens da sua idade, mas era importante respeitar o seu espaço e assumir que era uma adulta com quem partilhavam a casa. De graça. Fechou a porta devagar atrás de si, de modo a não perturbar o sono da filha, e pôs-se a caminho do apartamento em chamas.

O único lado positivo de coisas como esta acontecerem às tantas da manhã é não haver trânsito na estrada e os semáforos estarem em modo intermitente, pensou Luísa, enquanto acelerava pelas ruas vazias e quase irreconhecíveis à luz da noite. Os prédios ganhavam todos a mesma tonalidade amarela da iluminação nocturna e a quietude permitia escutar o deslizar dos pneus no asfalto. Sem buzina-de-las, sem pára-arranca, sem protestos do carro de trás, conduzir até se tornava uma actividade agradável. Em apenas cinco minutos, chegou à porta de casa da mãe, onde os bombeiros já estavam a terminar o seu trabalho e a prepararem-se para partir. Um deles estava a falar

com um vizinho, que Luísa nunca tinha visto antes e que estava encostado à parte de trás de uma ambulância. Era um homem alto e bem-parecido, pese embora a idade avançada. Envergava umas calças de ganga e, por cima, apenas um roupão de seda florido e vaporoso.

— Desculpe interromper, o meu nome é Luísa, sou filha da senhora que foi levada para o hospital — disse ela, dirigindo-se ao bombeiro.

— Ah, bom, então, estava aqui a explicar ao seu pai...

— Pai? — interrompeu Luísa. — Eu não conheço este senhor de lado nenhum!

— Jaime Cortês — disse o homem de robe de seda, estendendo a mão. — Sou o... vizinho.

Luísa olhou-o com estranheza e, sem responder, voltou-se de novo para o bombeiro.

— Já terminaram tudo? É seguro a mãezinha voltar para casa?

— Bom, hoje não voltará de certeza! — respondeu o bombeiro, num tom levemente trocista. — Embora o incêndio tenha ficado circunscrito à sala, são precisos vários dias até o fumo se dissipar totalmente, já para não falar da água. Amanhã, os peritos da polícia e da protecção civil virão verificar o estado da fracção e se há danos nas fracções adjacentes ou zonas comuns. Também virá o perito dos seguros, sabe como é. Depois, convém fazer umas obras de reparação e de pintura, o tecto está todo negro, mas, primeiro, a água tem de evaporar bem, senão, empola. Enfim, é coisa para, no mínimo, três semanas.

— Três semanas? E, até lá, onde é que a mãezinha fica?

— Olhe, não tenho nada que ver com isso, mas, em vez de se preocupar com onde ela fica, devia estar agradecida por a sua mãezinha estar bem e o fogo não ter atingido outras casas. Estes incêndios a meio da noite com pessoas idosas normalmente não acabam bem.

— E posso, ao menos, ir lá acima buscar as coisas dela?

— Um elemento da nossa equipa já esteve lá. Trouxe os documentos e alguns objectos pessoais para a sua *mãezinha* — respondeu o bombeiro, estendendo-lhe um saco de pano.

Luísa espreitou, incrédula, para o conteúdo do saco. Estavam lá os documentos, os óculos, uma camisa de dormir, roupa interior, umas pantufas, um casaco, umas calças, uma blusa, a escova de dentes, a escova de cabelo e um hidratante de rosto. Luísa interrogou-se como teriam os bombeiros encontrado tudo tão facilmente. Devem ter andado a abrir todas as gavetas, pensou, indignada, a imaginar as mãos enormes e cobertas de fuligem a devassar a intimidade da sua mãezinha. O que valia era que, na idade da mãe, não havia nada a esconder. E as jóias estavam no cofre. Voltou para o carro, preocupada, olhando para a janela da sala do terceiro andar, antes adornada com cortinas floridas, agora um buraco enegrecido. Parecia-lhe que o bombeiro tinha sido optimista quando falou em três semanas. Ainda por cima era Agosto. Onde iria encontrar alguém disponível para fazer a obra de reparação? Tinha de falar com Marília sobre quem tomaria conta da mãezinha até o arranjo estar concluído. Certamente, a cunhada e o irmão, que viviam numa casa com vários quartos vazios. Se bem que teria de esperar que o Rui regressasse para tocar no assunto. Incrível como, sempre que havia uma crise familiar, o irmão não estava. Sobrava tudo para ela. Sempre. De repente, veio-lhe à memória uma frase que amiúde ouvia a avó dizer à mãezinha: «Ainda bem que tiveste uma menina para cuidar de ti na velhice.» Será que a necessidade que sentia de cuidar da mãe lhe fora incutida por frases como essa, ou faria parte do código genético feminino? Estariam as mulheres geneticamente e irremediavelmente programadas para cuidar dos outros? Filhos, pais, maridos? Mas, nesse caso, porque era sempre para casa do irmão que a mãe ligava quando precisava de alguma coisa? Deixou-se levar por tais divagações, enquanto se dirigia ao hospital.

Assim que passou pela porta das urgências, afogueada, Luísa encontrou a cunhada sentada na ponta de uma cadeira da sala de espera, com um ar enjoado, como se, ao recostar-se e respirar normalmente, pudesse ser atingida pelas maleitas dos doentes com quem partilhava aqueles metros quadrados.

— Obrigada por teres vindo para cá, Marília. Já estiveste com ela? — perguntou, preocupada.

— Não, ainda está lá para dentro, em observação — respondeu a cunhada. — Mas, quer dizer, isto é coisa para durar horas, a julgar pelo que se vê aqui. Aquele senhor está praticamente a falecer e ainda ninguém o veio ver. E o outro tem um olho ao peito não tarda. Ali, estás a ver?

Luísa ignorou o comentário da cunhada.

— Já conseguiste falar com o Rui? Como é que isto aconteceu?

— Não sei, ao telefone, ela disse-me que está ótima, não tem nem um arranhão, só a sala é que ardeu, porque deixou a lareira acesa sem a guarda e pegou fogo à carpete.

— Lareira acesa? Em Agosto? Ai, meu Deus, eu sabia! A mãezinha não está bem!

— Achas?

— Claro que acho! Quem é que acende a lareira em Agosto? E anda meio distraída, sempre a esquecer-se das coisas...

— Agora que falas nisso, já por mais de uma vez se esqueceu de que tinha um almoço na nossa casa — recordou Marília.

— Sabes, este ano nem deu os parabéns ao Ricardo, imagina!

— Na verdade, isso também já me aconteceu. Sou péssima com aniversários.

— Bom, isso não interessa agora. O que temos de saber é para onde é que a mãezinha vai nas próximas semanas. O bombeiro disse-me que o fogo não passou da sala, mas, ainda assim, vai ser preciso arranjar o chão, pintar o tecto...

— Não me digas!

— Eu posso ficar com ela por agora, mas depois ela vai ter de ir para a vossa casa. Nós vamos de férias dentro de dias.

— Como assim? O teu irmão não está cá! Não vou ser eu a tomar conta da vossa mãe, ainda para mais, demente!

— Mas...

— Luísa, tem paciência — respondeu Marília, com naturalidade.

— Não me posso responsabilizar sozinha. Quando o Rui voltar, logo

decides isso com ele. Mas lembra-te de que o gato não fica lá. Tenho imensa alergia.

— O gato! — gritou Luísa, com enorme preocupação.

— Morreu?

— Não sei, não vi gato nenhum! Ai, Marília, se o gato morreu, a mãezinha vai ter um desgosto — choramingou Luísa.

— De certeza que não morreu, os gatos têm sete vidas — respondeu a cunhada, pouco solidária com a preocupação pelo bem-estar de um animal que detestava.

Ao fundo do corredor, abriu-se a enorme porta onde estava escrito em letras garrafais: «Não passar. Acesso restrito.» De lá, surgiu uma auxiliar do hospital mal dormida a empurrar uma cadeira de rodas, na qual uma senhora de aspecto frágil, mas sorridente, estava confortavelmente sentada. Luísa reparou que vestia uma bata de hospital e que tinha pousado no colo algo que se assemelhava a um lençol de padrão exótico, cuidadosamente dobrado.

— Não me diga que a mãezinha vai ter de ficar cá... — lamentou-se Luísa quando a auxiliar parou a cadeira de rodas à sua frente.

— Estou ótima, filha — respondeu Helena. — Podemos ir.

— Mas a mãezinha está de bata — notou Luísa. — Vai ser internada, não vai?

— Não — interrompeu a auxiliar. — A senhora está de bata porque vinha apenas enrolada no lençol. Não temos roupa para lhe vestir.

— Oh, Helena, que vergonha — exclamou Marília. — Não me diga que saiu assim de casa, enrolada num lençol?

— Querias que ficasse no meio do fogo a vestir-me?

— Mas porque é que não estava de pijama? Agora dorme nua, é? Na sua idade? — insistiu Marília.

— Então, mãezinha? — interrompeu Luísa, num tom mais alto do que aquele que usava para falar com as outras pessoas. — Estava com calor por causa da lareira, não estava? — perguntou, segurando

a mão da mãe. Depois olhou para a cunhada, levando o indicador junto da têmpera, desenhando com ele pequenos círculos no ar.

— O *Chopin*? — perguntou Helena, mudando de assunto.

Luísa temera por aquela pergunta. Não fazia ideia onde se teria metido o bicho, se estava morto ou vivo. Na verdade, nem sequer se lembrara de procurá-lo. Melhor dizendo, nem sequer se lembrara de que a mãe tinha um gato. Provavelmente, o bicho fugira, assustado, como fazem todos os animais quando sentem perigo. Tanto podia já ter regressado a casa, como aproveitado para saborear a liberdade. Para sempre.

— Não se preocupe, mãezinha — continuou Luísa, falando devagar. — Já vamos tratar de tudo. O que importa é que está bem.

Findas as burocracias para a alta hospitalar, o dia raiava quando saíram do hospital. No caminho para casa, Helena insistiu em encontrar o gato, que não iria dormir enquanto não o encontrasse, ameaçando mesmo fugir para ir procurá-lo, pelo que Luísa teve de se dirigir novamente ao apartamento carbonizado. Felizmente, o bicho saiu de debaixo de um carro assim que ouviu a voz da dona. Saltou-lhe para o colo e ali foi, aninhado, todo o caminho. Em vez de ficar aliviada e feliz pela mãe, Luísa ficou a pensar se o gato arranharia os sofás. Olhou para a mãe pelo canto do olho e notou que ela sorria, como se estivesse alheada da gravidade do que acabara de acontecer. Sentiu o coração apertado e os olhos marejados de lágrimas. Estaria na altura de consultar um psiquiatra, para atestar a saúde mental da sua progenitora?

2

O Sol já ia alto quando Mafalda acordou, em sobressalto, com um gato a lambe-lhe a cara. Soltou um grito, que, por sua vez, fez o animal fugir, espavorido, lançando um rosnado de protesto. Com o coração a bater descompassado, por momentos, achou que ainda estava a sonhar. Percebeu que não quando ouviu alguém a roncar na cama de visitas que se encaixava debaixo da sua. Rezou para que não fosse a Inês. Não, claro que não podia ser a Inês, pensou, os olhos fixos no tecto, com receio de se confrontar com a realidade que se exibia na cama de baixo. Tinha jantado com os pais e depois recolhera-se para ler e fumar o seu cachimbo de água, sozinha, à janela. Aliás, estivera tão sossegada que nem sequer iniciara qualquer conversa no *Tinder*, colocando de lado a possibilidade de ter convidado alguém para a sua cama. Mais tranquila pela certeza de que, desta vez, não teria de apresentar um desconhecido aos pais durante o pequeno-almoço, rebolou devagarinho para a borda do colchão e espreitou, receosa. Deitada de barriga para cima e com os braços abertos como um Cristo, estava a sua avó Helena. Caminhando lentamente sobre ela e olhando também para o seu corpo quase imóvel, viu o gato que a acordara. Era o *Chopin*. Mafalda pegou nele com alívio e roçou a face no seu pêlo macio. Depois, levantou-se devagarinho e foi procurar a mãe.

Luísa estava na cozinha a preparar as marmitas que ela e Ricardo levavam para os respectivos escritórios. Era uma maneira de poupar dinheiro e, sobretudo, de fugir aos almoços com colegas de trabalho. Preferia sentar-se debaixo de uma árvore, no pequeno pátio do Instituto, a partilhar migalhas com os pássaros, do que passar uma hora a ouvir conversas que se dividiam entre dizer mal dos chefes, partilhar

receitas fáceis e rápidas para o jantar e comentar o último episódio da série do momento, sendo que Luísa não tinha nada a dizer dos chefes, não cozinhava e era de uma geração que ainda preferia as telenovelas.

— O que é que a avó está a fazer na minha cama? — perguntou Mafalda, num tom acusatório.

— Mafalda, nem imaginas o que aconteceu esta madrugada — começou a contar Luísa, enchendo de novo a caneca de café. — A avó pegou fogo à casa, foi parar ao hospital, felizmente, não tinha nada, mas não pode voltar para o apartamento, que está parcialmente destruído. Tive de trazê-la para cá.

— Que horror! E agora?

— Agora, vai ter de ficar a viver connosco até fazermos as reparações no apartamento dela.

— Como assim, a viver connosco? No meu quarto? — questionou Mafalda, indignada.

— Queres que a ponha no meu?

— Sei lá, é a tua mãe!

— Mafalda! — exclamou Luísa, zangada.

— Desculpa, mãe, mas eu tenho de estudar, gosto da minha privacidade, e a avó ressona.

— Primeiro, estás de férias de Verão; segundo, a acontecer, será uma estadia curta; e terceiro, usa tampões nos ouvidos — respondeu Luísa, com firmeza. — E, já agora, esvazia uma gaveta da cómoda para a avó poder colocar as coisas dela.

Mafalda fez um esgar enfiado e virou costas, preferindo acabar de beber o iogurte líquido que tirara do frigorífico na casa de banho.

— E não fiques aí trancada uma hora, que a avó pode acordar e precisar de usar a casa de banho, ouviste? — gritou Luísa, da cozinha.

— Como queiras! — respondeu Mafalda, abrindo a água do chuveiro na pressão máxima.

*

Portanto, era assim? Não bastava ainda viver com os pais, também teria agora de viver com a avó? Não, não podia ser. Tinha de encontrar uma solução. Mas a única que se lhe apresentava era passar os próximos tempos em casa da Inês, a sua melhor amiga, da qual, ultimamente, andava um pouco afastada.

Inês era uma espécie de *dealer* de canábis da faculdade. Uma colega de curso que vinha de uma família aparentemente normal, que morava num bairro abastado, mas cujo irmão era traficante de drogas. O que talvez explicasse por que morava num bairro abastado. Inês não andava activamente a vender erva pelo *campus*, mas, se alguém a visse a fumar e lhe perguntasse se arranjava um bocadinho, ela acabava por ceder e, no dia seguinte, fazia o negócio sem cobrar nenhuma percentagem, o que era bom para os clientes e para o irmão. Mafalda começou por ser uma dessas clientes, que evoluiu para amiga e, mais tarde, para interesse amoroso. Na verdade, tinha sido Mafalda a tomar a iniciativa de beijar Inês, numa noite em que estiveram três horas na pista de dança de uma discoteca. Tomara uma pastilha, cujo efeito, aliado à música e à proximidade dos corpos, lhe despertara a vontade de experimentar beijar uma mulher. Fora um beijo longo e surpreendentemente bom, que repetiram noutras noites, até acabarem na cama e Mafalda descobrir que, definitivamente, não era lésbica, nem sequer bissexual. Era simplesmente uma bicuriosa, que, satisfeita a curiosidade, se confirmava hétero. Ficara um bocadinho desapontada por ser tão convencional, mas não ia fingir outra orientação sexual só para ficar bem no perfil do *Instagram*, onde abundavam pessoas que se assumiam como demissexuais, ginessexuais ou pansexuais, o que quer que isso significasse. Inês, porém, não ficara convencida com o argumento e continuava a achar que Mafalda estava apenas a fazer-se de difícil. Mesmo após longas e sinceras conversas, continuava a acreditar que, um dia, conseguiria levá-la para aquilo que chamava «o lado bom da força». Desde então, Mafalda evitava passar muito tempo a sós com ela. Só que, naquele momento, por mais que lhe custasse, Inês e a sua casa de três andares no bairro onde se acordava ao som dos

passarinhos parecia ser a única alternativa a partilhar o quarto com a avó, sabia lá por quanto tempo.

Quando saiu da casa de banho, a avó já estava sentada à mesa da cozinha.

— Bom dia, amorzinho — saudou Helena, com carinho.

— Bom dia, avó.

— Espero não te ter incomodado, mas, enfim, parece que não tive alternativa...

— Oh, não incomoda nada, avó — mentiu Mafalda. — O que interessa é que está sã e salva.

— Pois, mas estava aqui a dizer à tua mãe que o melhor é eu ficar com o Rui. A casa é maior, tenho lá um quarto...

— Mãezinha — interrompeu Luísa —, então não acabei de lhe explicar que o Rui não está e que a Marília é alérgica a gatos? Não me diga que já se esqueceu...

— Não se preocupe, avó. Pode ficar no meu quarto o tempo que precisar. Eu vou para casa da minha amiga Inês.

— Como assim? — perguntou Luísa, virando-se para a filha, surpreendida pela decisão.

— Mãe, muito menos. Sou maior e vacinada — disse Mafalda, saindo da cozinha. — Não tenho de te dar justificações.

Helena pôs-se a olhar pela janela, fingindo não estar a prestar atenção à cena constrangedora. Não gostava de discussões. Luísa suspirou, reclamando baixinho da sorte que lhe tinha calhado, até que Ricardo apareceu para salvar ambas do desconforto.

— Então, mãezinha, como se sente? — perguntou ele à sogra, colocando as mãos sobre as dela.

— Estou bem, estou bem...

— Que belo susto nos pregou, hem?

— Papá, foi um acidente — interveio Luísa, abrindo muito os olhos, como que pedindo que não alimentasse a conversa, não fosse perturbar a frágil senhora.

— Claro, os acidentes acontecem todos os dias — apressou-se Ricardo a dizer. — Mas não se preocupe, vai ficar tudo bem.

— Eu... eu tenho de fazer algumas chamadas — disse Helena, levantando-se.

— Mãezinha, o que precisa é de descansar — replicou Luísa.

— Sim, tens razão, minha filha. Vou para o quarto descansar.

Helena retirou-se, lentamente. Assim que virou costas, Luísa abanou a cabeça em sinal de desaprovação. Chegara o temido dia. O dia em que teria de começar a tomar conta da mãe. O pior é que ainda mal acabara de tomar conta da filha. E ela própria, onde ficava? Teria alguma vez tempo nesta vida para se dedicar a si? Pensara que, aos 50, iria ter menos preocupações com os outros e, afinal... sentia-se como uma abelha, a trabalhar até à exaustão para o bem de todos. Só que, no seu caso, parecia ser a única obreira de toda a colmeia.

3

Rui chegou da sua viagem de negócios e foi directamente do aeroporto para casa da irmã. Indiferente ao trajecto que o taxista seguia, passou o tempo a lamentar o transtorno que a situação estava a provocar na vida de toda a gente. Desde que o pai morrera, findos os religiosos almoços de domingo em família, via a mãe de 15 em 15 dias, ligava-lhe amiúde e tudo funcionava bem. A mãe era muito independente e refizera a vida de forma estóica. Mudara-se para aquele apartamentozinho, agora parcialmente reduzido a cinzas, continuara as suas actividades de ocupação do tempo, cerâmica e nem sabia mais o quê, e não aparentava ter nenhum problema de saúde. Rui sempre achara que tinha muita sorte, sobretudo comparando com alguns amigos, cujos pais, também a entrar nos 80, colecionavam maleitas e estavam constantemente a ligar com problemas absurdos que geralmente envolviam um qualquer aparelho electrónico com o qual não sabiam trabalhar. A mãe dele não. Era relativamente activa, sabia usar a Internet e nunca cobrava quando ele se esquecia de lhe ligar. E agora tudo mudara, de repente. Não era justo.

O táxi parou em segunda fila, sem pressa, apesar de ter carros atrás de si. Rui saiu rapidamente, feliz por não ter colocado a pequena mala na bagageira, e viu que a irmã estava à porta do prédio para o receber. Provavelmente, tinha alguma coisa para lhe dizer que não podia ser ouvida pela mãe. Estava com um ar cansado, as olheiras acentuadas, as raízes do cabelo por pintar, e as calças de moletão largas tornavam-lhe a silhueta disforme. Uma figurinha triste, pensou ele. Nisso, Marília era excepcional. Uma mulher que, mesmo que estivesse a cair o Carmo e a Trindade, apresentava-se sempre impecavelmente vestida e maquilhada. Saía-lhe caro

na conta do cartão de crédito, claro, mas valia a pena o investimento. Já entrada nos 50, continuava a ser uma mulher muito bonita. O que seria chegar a casa depois de um dia de trabalho e ter alguém como a irmã a recebê-lo? Uma mulher desleixada, sem brio. Uma mulher que desistiu.

— Rui! Finalmente, chegaste! — exclamou Luísa, assim que viu o irmão.

— Olá, Luísa. Há novidades desde ontem?

— Novidades, não, mas prepara-te para o que vais ver.

— Como assim?

— A mãezinha não está bem, Rui — choramingou ela. — Faz-me tanta impressão vê-la assim...

— Assim como?

— Assim, atrapalhada da cabeça.

— Mas o que é que o médico disse?

— Oh, não fez caso nenhum! Não percebo estes médicos, sinceramente. Diz que ela está óptima, que os exames estão excelentes e que pequenos esquecimentos ou confusões são normais na idade dela. Afinal, tem quase 80 anos.

— Então, porque é que estás com esse ar de enterro?

— Já vais ver — respondeu Luísa, encaminhando o irmão para dentro do prédio.

À medida que subiam as escadas, Luísa foi enumerando várias situações em que achara que a mãe não estava em si.

— Ontem, o Ricardo estava numa videochamada e teve de sair da secretária para ir buscar um documento. Então, não é que ela se sentou na cadeira dele e começou a conversar com as pessoas que estavam do outro lado do ecrã? E de camisa de noite!

— Mas estava lá alguém que ela conhecesse?

— Claro que não! Eram clientes do Ricardo! E ela ali, a conversar, a fazer perguntas... O menino o que é que faz? E a menina tem filhos? Deixe lá ver esse livro que tem aí ao lado, que acho que já li.

— E o Ricardo?

— Desligou a câmara e tirou-a dali para fora, e eles a rirem imenso, imagina! Como se a mãezinha fosse um palhacinho — choramingou Luísa.

— Calma, se calhar ela estava só na brincadeira.

— E passa o dia todo ao telefone — continuou Luísa, como se o irmão não tivesse dito nada. — Quer dizer, ela diz que está ao telefone, mas tenho a certeza de que está a imaginar. Ninguém com aquela idade tem assim tanta gente com quem falar. O dia todo! Além de que a mãezinha, como sabes, é meio surda. Ainda que alguém falasse com ela, como poderia responder? Fala baixinho, como se estivesse a esconder alguma coisa. E, quando lhe pergunto com quem estava a falar, diz que não era ninguém.

Chegaram ao patamar do apartamento de Luísa, que abriu a porta sem fazer barulho.

— Olha, lá está ela, a falar sozinha. Está nisto desde as nove — sussurrou, apontando para Helena, que falava ao telefone junto à janela.

— Olá, mãe! — exclamou Rui, aproximando-se dela, com aparente descontração.

Helena virou-se para trás, sussurrou qualquer coisa e desligou a chamada, que não parecia nada imaginária.

— Rui! Meu querido filho!

— Que sorte, ainda te conhece — sussurrou Luísa, ao ouvido do irmão.

— Então, mãe, como está? — perguntou Rui.

— Estou ótima. Desejosa de ir para casa. Detesto estar aqui a incomodar a tua irmã.

— Já lhe disse que não me incomoda nada — reafirmou Luísa.

— Incomodo, sim. A Mafaldinha quer sair de casa por minha causa — disse Helena, olhando para o filho.

— Mas olhe, mãe, não se preocupe. O Ricardo esteve no seu apartamento com o Sr. Antunes e ele diz que aquilo vai ser rápido — informou Rui. — Só a sala e o *hall* é que precisam de arranjo. Duas

semanas, no máximo, que o tempo está bom e a tinta vai secar num instante.

— Oh, que bom saber — exclamou Helena. — Até lá, posso ir para um hotel para não incomodar.

— Nem pense — gritou Luísa. — A mãezinha precisa de estar acompanhada.

— Mas num hotel há imensa gente...

— Não é a mesma coisa. Fica comigo e não se fala mais nisso. Além disso, vamos de férias para a semana e a mãezinha vem conosco. Vai fazer-lhe bem espaiar e apanhar um pouco de sol.

— Rui, meu filho! Estás tão bonito — comentou Helena, ignorando a filha.

— Precisa que lhe traga alguma coisa de sua casa? Vou lá este fim-de-semana com a Marília arredar da sala as coisas que não arderam para estar tudo pronto para os homens começarem.

— Quais homens?

Rui olhou para a irmã, que encolheu os ombros e revirou os olhos. Talvez Luísa tivesse mesmo razão. A mãe parecia um pouco baralhada. Que homens haveria de ser? Então, não tinham acabado de falar das obras? Resolveu não pensar muito no assunto. Provavelmente, a mãe ainda estava sob efeito do choque. Devia ser aterrorizador fugir de uma casa em chamas. Logo, logo, a mãe ficaria bem. Voltaria para o seu apartamento e tudo seria como dantes. Sem dramas.

Sem dramas, uma ova!

Desculpe, caro leitor, pela interjeição e por interromper a história, mas não quero que fique com a ideia de que isto se trata do relato de uma família a braços com uma matriarca demente. Na altura em que os factos se sucederam, eu estava perfeitamente lúcida. A única loucura que cometi foi ter ligado para casa do Rui na noite do incêndio, quando, sei-o hoje, podia ter omitido a ocorrência. Podia ter dito que ia sair do apartamento durante algumas semanas por motivo de obras e não se falava mais do assunto. Os meus filhos nunca me visitavam mesmo, pelo que não iriam achar invulgar. Teria voltado à minha rotina sem causar toda a confusão que se seguiu e que pôs fim ao meu sossego.

Na realidade, só liguei para casa do Rui porque o paramédico que me levou na ambulância disse que era necessário contactar alguém para me ir buscar ao hospital quando tivesse alta. Eu não tinha o telemóvel comigo e o único número que sabia de cor era o de casa do Rui, uma vez que foi a minha durante 46 anos e ele, quando se mudou para lá, nunca se deu ao trabalho de alterar o número de telefone fixo. Ficou com aquela que foi a casa da família durante anos porque, quando o Alberto morreu, estava a tentar ter um terceiro filho, ao passo que eu não precisava de quatro quartos nos arredores. Preferi mudar-me para a cidade, onde podia ir a pé para todo o lado, o que tinha ainda outra vantagem: não ter de me preocupar com a renovação da carta de condução. Só então, nesse início de 2005, comprei o meu primeiro telemóvel, o qual, como sabe, tornou desnecessário decorar números ou ter agendas telefónicas de papel.

Ah, as agendas telefónicas... tinham as páginas divididas pelas letras do alfabeto, cada uma com três colunas, correspondentes

ao nome, morada e número de telefone, este último escrito e reescrito à medida que o contacto mudava de casa. Um dia, ligávamos para alguém e atendia uma voz desconhecida que nos informava que tínhamos o número errado. Então, riscávamos o número da agenda, com cuidado para deixar espaço para o novo, pois sabíamos que, mais dia menos dia, voltaríamos a encontrar a pessoa, que nos daria o seu contacto actualizado. Normalmente, a agenda estava disposta ao lado do telefone, este pousado na consola à entrada de casa ou ladeando o sofá da sala. Por perto, costumava estar também um exemplar das Páginas Amarelas. Parece difícil de imaginar, mas era assim em todas as casas antes de haver telemóveis. Hoje em dia, as pessoas dão um toque para o nosso número, adicionamos o contacto à agenda do nosso aparelho e nunca mais temos de pensar no assunto, razão pela qual só sei o meu de cor.

Adiante! O certo é que, na fatídica noite do incêndio, vi-me obrigada a ligar para casa do Rui. Atendeu-me a chata da mulher dele e passei por demente por ter pegado fogo à casa. Sem ser tida nem achada, dei por mim a dormir em casa da Luísa, na cama de baixo da Mafalda, enrolada numa manta polar roxa com desenhos de unicórnios. Ninguém merece. Bom, não é que eu não goste da minha filha, coitadinha, até é boa rapariga, juro. Acontece que é um pãozinho sem sal, sempre foi, desde pequenina. E não ajudou ter casado com um choninhas. Ela é bióloga no Instituto de Medicina Tropical, ele é contabilista por conta própria. Desde que a Mafalda nasceu, tratam-se por «papá» e «mamã» e têm a alegria de viver de uma família norte-coreana. «Não te rales, só estragam uma casa», dizia-me o Alberto. Ele viu logo, assim que o namoro começou.

Antes de conhecermos o Ricardo, ainda acalentei a esperança de que a Luísa encontrasse alguém que a espevitasse. Alguém que a levasse para longe dos livros e dos laboratórios, que lhe desse, literalmente, um bocadinho de cor, que a gaiata tinha um ar doente, pálida como uma aparição. Mas não. O Ricardo, tal como ela, também preferia passar os dias metido em casa, hábito que só piorou com

os anos. No Inverno, não saem porque está muito frio, no Verão, não vão à praia porque está muito calor. Não, não tenho paciência. Não tem que ver com gostar, que isso uma pessoa gosta sempre dos filhos. Tem que ver com diferentes formas de encarar a vida, e, neste caso, as nossas não podiam ser mais opostas, sobretudo depois da morte do Alberto.

Nunca fui daquelas mães que falam com os filhos todos os dias depois de eles terem saído de casa. Ligava-lhes uma ou duas vezes por semana para perguntar se estavam bem, saber dos netinhos, pedir para me regarem as plantas se fosse viajar. Mas, depois de o Alberto partir, a Luísa começou a ligar-me por tudo e por nada e convidava-me para ir passar a tarde a sua casa todo o santo fim-de-semana. Coitadinha, devia achar que, de repente, eu estava só e desamparada, ignorando que fora assim que eu vivera grande parte do meu casamento. Os filhos estão sempre um pouco alheados da verdadeira relação entre os pais. Não querem ter demasiada informação sobre a intimidade dos progenitores, por decoro e respeito, pelo que não fazem perguntas, acabando por se deixar distrair pelas rotinas. Por seu lado, os pais agradecem não terem de se justificar, guardando os seus problemas atrás de uma porta fechada a sete chaves. Não havendo gritos, nem discussões, escândalos ou violência, um casamento passa sempre por estável. E, para a grande maioria das pessoas, estável é bom.

«Onde vamos?», perguntava eu quando a Luísa me ligava. «A lado nenhum. É só para não ficar aí sozinha, mãezinha.» Portanto, para ela, a alternativa a eu estar sozinha no meu adorável apartamento novo, era sentar-me no sofá da sua casa, enquanto ela passava a ferro, o marido olhava para o computador e a Mafalda brincava no quarto, de onde apenas saía para comer. Na televisão, um qualquer programa da tarde; ao lanche, um bolo de iogurte e uma chávena de chá; e eles a acharem que isso era o melhor a que eu podia aspirar com a minha idade — na altura, uns meros 69 anos. Acredito que haja quem se sinta tão só que não se importe de ficar sentado numa cadeira no canto

da sala toda a tarde, só para ver pessoas e ouvir vozes familiares. Porém, não era o meu caso.

Quanto ao Rui, sempre foi um rapaz mais divertido e brincalhão, uma boa companhia até. Porém, tinha como apêndice a Marília, uma mulher ativa e inconveniente, que tentava controlar a vida de todos e tinha sempre uma crítica a fazer, fosse acerca da indumentária da filha, do cabelo do filho, do vinho que o marido escolhera ou até dos biscoitos que eu levava para o lanche. Não admira que o Rui ande sempre a arranjar desculpas para viajar e que os miúdos se tenham pirado para fora do país assim que puderam. A Tânia e o Martim... O Martim tem três filhos, que se chamam Vicente, Vasco e outro nome qualquer começado por V, de que não me recordo agora. Parece que é moda dar nomes com a mesma inicial a todos os filhos. Não sei se é moda lá onde eles vivem ou se cá também. Sou igualmente ignorante em relação a qual dos «vês» é o primogénito, se bem que foi o único que conheci, num Verão em que vieram visitar a família. Era tão parecido com o pai, benza-o Deus. Os dois mais novos são gémeos, e parece que, depois do seu nascimento, o Martim e a mulher deixaram de viajar. Eu percebo, coitados. Quem no seu perfeito juízo se enfia num avião com três crianças pequenas? Pensei várias vezes em visitá-los, mas eles vivem na Escócia. E não é em Edimburgo. É numa cidade cujo nome nem sei dizer e onde, no Inverno, as pessoas saem de casa vestidas com fatos para a neve. É que nem que me pagassem a viagem! E ainda bem que não pagaram, senão, lá teria de inventar um achaque para me escapar. Vantagem da velhice: ninguém estranha se dissermos que não nos sentimos bem. Quanto à Tânia, ainda não tem filhos. Vive em Espanha com uma amiga, que toda a gente sabe que é a namorada, mas ai de quem o insinuar à frente da Marília!

Nos primeiros meses após a morte do Alberto, aceitei com ternura todos os convites que os meus filhos me fizeram. Ainda estava a fazer o meu luto e a desprender-me de 46 anos de casada. Por muito que estivesse habituada a estar sozinha durante o dia, havia sempre refeições para planear (com sopa, prato e sobremesa, como o Alberto

exigia), eventos sociais com que ocupar o fim-de-semana (onde não cabem viúvas, como vim a descobrir depois) e serões a comentar o que víamos na televisão (e que era sempre ele a escolher). Passei de uma vida inteira a dar satisfações a um homem — primeiro o meu pai, depois o meu marido — para uma nova rotina em que, pela primeira vez, não tinha de me preocupar com absolutamente ninguém. Foi muito assustador. É difícil habituarmo-nos à liberdade depois de uma vida de constrangimentos, pelo que a companhia dos meus filhos e netos acabou por ser reconfortante.

No entanto, as dinâmicas familiares entre eles depressa se tornaram desgastantes. Eu dava por mim numa constante luta entre querer intervir e não querer ser intronada. As crianças já não eram aquelas coisas fofas que corriam para os meus braços e apreciavam lengalengas ou brincar às comidinhas. Eram adolescentes ensimesmados e viciados em videojogos. Respondiam torto, fugiam dos beijinhos e não tinham qualquer interesse em aprender o que quer que fosse com as gerações mais velhas. Os meus filhos, por seu lado, eram pais de adolescentes, sugados pela espiral dos muitos afazeres quotidianos.

Para não ferir os sentimentos de ninguém, decidi que o melhor era ocupar de tal forma os meus fins-de-semana que não sobrasse muito tempo para os visitar. Mudei as aulas de cerâmica e o clube de leitura para os sábados, passei a fazer o voluntariado aos domingos e comprei bilhete para a temporada de *ballet*, de forma a precaver as noites, não fosse surgir um convite para jantar. Foi um alívio para todos. Eles, ao perceberem que eu andava entretida, deixaram de se sentir na obrigação de me terem por perto, e eu deixei de ter de aturar discussões que não me diziam respeito. Quando não conseguia mesmo escapar a uma visita, costumava fazer-me de ligeiramente surda, que era uma forma de participar apenas nos momentos que me interessavam. Um sorriso nos lábios, acenar com a cabeça em concordância com o que diziam, fazer umas perguntas vagas só para lhes provar que não estava a ficar senil, e todos saíamos felizes dos nossos encontros. O amor de mãe é incondicional, mas, quando nos apercebemos de que

os dias que nos restam estão contados, começamos a ter menos energia para lidar com problemas que não são nossos. A minha consciência está tranquila. Dei-lhes amor e carinho, transmiti-lhes valores e educação, nunca deixei que se apercebessem dos momentos difíceis que passei com o pai deles, aceitei sem criticar as suas decisões profissionais e amorosas. Que culpa tenho se se tornaram adultos desinteressantes? Que culpa tenho se não são felizes? Ou talvez sejam, à maneira deles. Não sou ninguém para os julgar, mas isso não significa que tivesse de os aturar.

Acontece que, com o incêndio, vi-me forçada a entrar de novo no seu quotidiano, dando por mim na iminência de ir de férias com a Luísa e o Ricardo. Isto tudo enquanto me fingia de surda e de distraída. Não costumava ter dificuldade em manter essa personagem durante um almoço ou mesmo um dia inteiro, como acontecia todos os anos pelo Natal. Mas duas ou três semanas, até o meu apartamento estar pronto, não seria demais? O incêndio em si já fora suficiente para que questionassem a minha sanidade. Não podia mostrar-me demasiado débil e vulnerável, pois podiam considerar coisas como exames psiquiátricos ou apoio domiciliário. No entanto, também não podia simplesmente, de um dia para o outro, confrontá-los com a nova pessoa em que me tornei com a morte do pai deles. Não estavam preparados para a conhecer. Vi-me, então, perante um dilema. Um dilema que durou muito pouco.

Ao terceiro dia como hóspede daquela casa insípida, acordei decidida a retirar-me airosamente de cena, explicando à Luísa as razões para me alojar noutra lugar até o meu apartamento estar pronto. Tinha passado a noite a preparar argumentos imbatíveis e que não levantariam qualquer suspeita. Começaria por afirmar que não é justo para a Mafalda ter de ceder a sua cama; depois, alertaria para o facto de o *Chopin* adorar trepar aos cortinados; por fim, apresentaria várias opções de alojamento, nomeadamente, as três semanas de *time-sharing* no Algarve de que ainda podia usufruir, ou uma estadia na quinta dos Antunes, uns queridos que me convidam todos

os anos. Porém, a dois passos de entrar na cozinha, ouvi a Luísa a lembrar ao Ricardo por que razão tinham de me levar com eles nas férias. Para I-bi-za. Eu não queria acreditar. Parei de imediato e recuei até ao corredor.

— No meio disto tudo, só ainda não percebi porque não fica com o teu irmão nessa semana...

— Porque o meu irmão vai viajar outra vez — respondeu a Luísa, com enfado. — A Marília não tem obrigação de cuidar de uma mãe que não é dela durante oito dias.

Haja bom senso, pensei, grata por a minha querida filha não ter contemplado a possibilidade de me deixar sozinha com a minha nora.

— Mas vamos mesmo levá-la connosco para Ibiza? — perguntou o Ricardo.

— Queres que a deixe onde, num lar? — perguntou a Luísa, surpreendida. — Além disso, é só comprar a passagem dela e avisar o aparthotel que, em vez de três adultos, somos quatro.

— E teremos de ser nós a dormir no sofá-cama, presumo...

— Papá! A mãezinha quase pegou fogo à casa, podia ter morrido, não tem onde ficar e tu estás preocupado com onde vais dormir durante as férias? — perguntou a Luísa, com a voz embargada e os olhos marejados de lágrimas. — Por amor de Deus! Coitada da mãezinha. Será que só eu consigo ver que ela não está bem? Podia ter morrido!

— Está bem, Mamã, não fiques assim. Levamos a mãezinha connosco, claro. Vai fazer-lhe bem — respondeu ele, abraçando-a de modo fraternal, até a Luísa se soltar, rumo aos seus inúmeros afazeres, especialmente urgentes em vésperas de férias.

Ibiza? Não era essa a ilha dos iates e das capas da revista *Hola!*? Achei estranho que eles tivessem escolhido tal destino. Estava mais a vê-los a acampar nos Pirenéus ou a explorar a Floresta Negra. Provavelmente, apanharam uma promoção imperdível de uma agência de viagens. Coisa do Ricardo, que anda sempre com cupões de descontos

e atento aos preços de tudo. Tranquei-me na casa de banho, atirei água fria para o rosto e sentei-me na sanita a pesar muito bem os prós e os contras de viajar com eles. Tirei o telemóvel e os óculos de ver ao perto do bolso do roupão e escrevi «Ibiza» no *Google*. Ao fim de cinco minutos, tinha informação suficiente para tomar uma decisão.

Prós:

- VIAJAR. Ainda por cima para fora do país, algo que não fazia há demasiado tempo.

- PRAIA. Com a vantagem de as Baleares terem águas quentes e cristalinas.

- FESTA. Dizia no *Google* que Ibiza tem cerca de 2500 bares e discotecas, com horários de funcionamento tão variados que, no limite, é possível estar 24 horas por dia em festa.

- PESSOAS, das mais variadas idades, nacionalidades e géneros. Adoro pessoas.

- NATUREZA. Muitos parques naturais, observação de pássaros e todas aquelas coisas que a Luísa e o Ricardo adoram fazer e às quais, dada a condição física que as pessoas gostam de atribuir automaticamente a alguém da minha idade, facilmente me poderia baldar.

Contras:

- Aturar a minha filha, o meu genro e a enjoada da minha neta durante oito dias, mantendo a personagem de velhota surda e distraída.

Decidi arriscar.

FILIPA FONSECA SILVA E SE EU MORRER AMANHÃ?

Helena é uma viúva de 79 anos,
aparentemente pacata.

Vive com o gato num apartamento, independente
dos filhos e netos adultos, até ao dia em que,
por acidente, pega fogo à sala de estar.

Obrigada a mudar-se temporariamente
para casa da filha, que começa a questionar
a sua sanidade, acaba por revelar um segredo
que deixa a família boquiaberta:
afinal, Helena ainda tem uma vida sexual activa.

Se eu morrer amanhã é um romance hilariante,
que nos leva a reflectir sobre os preconceitos
em relação às mulheres mais velhas e o enorme tabu
em torno da sua sexualidade. É também uma luz
de esperança, iluminando a ideia de que nunca
é tarde para começar a viver.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897848742



9 789897 848742 >